

**HISTÓRIA DA FILOSOFIA E FILOSOFAR - UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O
MÉTODO DAS ESTRUTURAS DE M. GUEROULT¹**Alessandro Pimenta²

Os equívocos de que a filosofia se vê constantemente cercada são mais fomentados pelo que nós fazemos, isto é, pelo professores de filosofia.

Martin Heidegger

1 SITUANDO A QUESTÃO

Uma perspectiva positiva se abre aos professores licenciados em filosofia, a saber, o retorno desta disciplina no ensino médio. Não se pode negar que ao profissional que dedicou parte de seu tempo em sua formação como docente é uma realidade que se amplia. Junto a este olhar otimista, em virtude da nova entronização da filosofia no ensino médio, são postas algumas questões que são pertinentes. Entre as várias que podem ser abordadas, uma terá destaque neste artigo. Trata-se da investigação sobre o método de M. Gueroult. Ora, esta questão não é secundária, pois a influência desta maneira de estudar e ensinar filosofia foi, durante algumas décadas, quase hegemônica, para não dizer em sua totalidade. Se a influência de Gueroult foi determinante na formação de várias gerações de professores de filosofia, é necessário perceber o que constitui tal metodologia, perceber as razões pelas quais ela se tornou padrão e quais as fragilidades de uma aceitação radical da proposta de Gueroult. Este é o cerne da questão, pois os professores já licenciados, conscientes ou não, receberam, inevitavelmente, uma formação estruturalista, salvo certas exceções.

¹ Este artigo foi pronunciado como conferência no I Colóquio Nacional do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar, realizado em Uberlândia-MG, de 22 a 26 de outubro de 2007.

² Bacharel e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Doutorando em Filosofia pela Universidade Gama Filho/RJ, onde também leciona. As idéias contidas neste artigo, ainda propedêuticas, surgiram de discussões com colegas na Université Paris I – Sorbonne, onde realizei um Estágio de Doutorado.

Uma primeira inserção do ensino de filosofia no Brasil se efetiva já com a presença dos jesuítas. Não é de se estranhar que a filosofia e o método de ensino ministrado constituíam expressões da ideologia subjacente: filosofia tomista e *ratio studiorum* como método de ensino e aprendizagem. Certamente, um estudo da influencia dos jesuítas na educação brasileira não pode ser desconsiderada, todavia o que se privilegia aqui é um outro evento³: a filosofia uspiana.

O ensino de filosofia bem como sua difusão no Brasil, tem como evento fundamental a missão francesa na década de 40 do séc. XX, na jovem Universidade de São Paulo, fundada em 1934. A metodologia trazida pelos professores vai constituir, futuramente, a metodologia do ensino desta disciplina, ainda mais, constituirá a forma considerada por excelência desta atividade. Há, então, “a implantação do modelo historiográfico francês” (MARQUES, 1999, p. 648), que tem em Gueroult seu expoente mais conhecido no Brasil. Segundo Marques (1999, p. 649), a recepção da proposta metodológica de Gueroult foi aceita passivamente. Ainda, sua expansão e ratificação deveram-se ao texto que Victor Goldschmidt apresentou em 1957 no XII Congresso de Filosofia intitulado *Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques*, traduzindo para o português por Porchat Pereira como apêndice ao livro *A religião de Platão*. Referindo-se à contribuição de Gueroult sobre a metodologia do estudo e do ensino de filosofia, Teixeira (1964, p. 209) salienta que não pode existir filosofia em detrimento da história da filosofia. O estudo, então, busca a compreensão dos conceitos e da ordem interna do texto filosófico. Acrescente-se que, “diversamente do que ocorre nas ciências, a história da filosofia é, de fato, o principal instrumento de iniciação à filosofia e, para a filosofia, permanente inspiração” (GUEROULT, 2000, p. 162). Assim, a busca da identificação e da reconstrução da ordem interna ou ordem das razões será a meta da pesquisa e do ensino de filosofia na Universidade de São Paulo. O PCN (1999, p. 331), no que tange à filosofia, é tributário do método estruturalista, porém adiciona aspectos negligenciados pela prática estruturalista no Brasil, a saber, a crítica e a reflexão, a partir dos clássicos da história da filosofia, sobre a realidade contemporânea.

³ O termo evento é usado aqui segundo a perspectiva de Alain Badiou. *Événement* pode ser melhor traduzido como acontecimento, entendido como aquele que rompe com a situação e inicia uma nova realidade.

Antes do que se denomina missão francesa, encontrava-se, no Brasil, um solo filosófico que possuía duas características principais: o tomismo e o ensaio, considerados descompromissados com o rigor acadêmico. O ensino de cunho tomista se deve à educação católica difundida principalmente pelos padres jesuítas, segundo a metodologia de ensino denominada *ratio studiorum*. A segunda perspectiva se caracteriza pelo escrito leve e solto, acusado, posteriormente, de ignorar a tradição, não por negá-las, mas pelo simples desconhecimento de sua existência.

Ao se pensar o que vem a ser a metodologia uspiana de fazer filosofia, deve-se ter em mente o referencial teórico que lhe é inerente: “o ensino de filosofia não pode prescindir da história da filosofia” (LEOPOLDO E SILVA, 1993, p. 801). Assim, tanto Gueroult como Goldschmidt são importantes, pois são os expoentes teóricos do método estruturalista no Brasil.

Não se questiona a necessidade de ler os textos filosóficos com rigor, ou mesmo a legitimidade da história da filosofia, pois neste aspecto Gueroult (2000, p. 159-171) mostrou, coerentemente, como se pode além do *quid fact* defender seu *quid juris*. Estudar história da filosofia é fazer filosofia. Entretanto, a simples leitura, com a finalidade em si mesma é de balde. Fazer filosofia é dialogar com sua história: “o fundador da historiografia filosófica antiga, Aristóteles, interpreta o passado da filosofia em função de seu sistema das causas e da passagem da potência ao ato” (GUEROULT, 2000, p. 164).

É assim que se vê Aristóteles como leitor e crítico de Platão, Descartes como leitor e crítico da tradição escolástica e, no séc. XX, Heidegger leitor de Platão, Aristóteles, Nietzsche etc. Saliente-se que estes pensadores supra-citados não buscaram reconstruir a ordem interna ou a ordem das razões nas obras de outros filósofos. Eles foram além do historiador da filosofia, eles filosofaram a partir da história da filosofia. Eles vão além, pois a partir de uma compreensão rigorosa dos pensamentos de certos filósofos vão tecendo sua própria filosofia. O problema que se aborda, aqui, é a sacralização de um método.

As conseqüências pedagógicas são facilmente identificadas: uma filosofia estéril, um “pensamento tímido”. A expressão pensamento tímido designa uma atitude de demasiada reserva ou medo de ousar. E isto de duas maneiras. Primeiro, ousar na

hermenêutica e, segundo, ousar no diálogo intenso com o texto. É neste segundo ponto que, mesmo com todos os avanços desde a missão francesa no Brasil, o diálogo filosófico, propriamente dito, é quase inexistente. Não se pode pensar que seja por má formação, pois a pós-graduação brasileira (*stricto sensu*), em geral, é de boa qualidade e, também, há um grande número de pesquisadores que realizaram sua formação na Europa e, ainda mais, orientados por filósofos, como Habermas, Apel, Badiou etc.

É interessante a atitude designada como pensamento tímido, na medida em que expressa sua esterilidade, pois produz pouco. Na verdade, são comentários de comentários. Ao se ter acesso a periódicos internacionais e vasculhar fontes, não é raro encontrar artigos que, não somente serviram de base para a confecção de artigos no Brasil, mas foram transpostos para o português quase literalmente.

Não se quer, aqui, nem apontar em contraposição a um pensamento tímido, uma atitude pueril, ou mesmo de crítica imediatista, nem um quadro da filosofia como a base para uma educação moral e cívica. Pensar a filosofia como auxiliar nas formalidades e convenções não se sustenta. Basta lembrar que Sócrates foi condenado por expor um conteúdo que contrariava as convenções da época (ateísmo, introdução de novos deuses e corrupção da juventude). Entretanto, abrir mão de seu caráter crítico é, para a filosofia, uma auto-flagelação. Em muitos casos, a filosofia é desconstrutiva, para usar a linguagem de Derrida. Uma leitura crítica dos clássicos pode auxiliar na compreensão da época presente, ou mesmo clarear certas ideologias que não se percebem facilmente.

É bem verdade, e uma pena, que professores de filosofia política não tenham quase nada a dizer sobre a política nacional e mundial. Talvez, sim, mas comentando, por exemplo, um texto de Habermas sobre conflitos internacionais, mas dialogar com a argumentação de Habermas seria de uma audácia que não é hábito. Se a filosofia é crítica em sua constituição e se uma metodologia de análise rigorosa corrobora as pesquisas e leituras de textos filosóficos, então uma leitura rigorosa dos textos merece um olhar crítico aos mesmos, avaliando teses e dialogando com as mesmas. Entretanto, não é o caso no Brasil e na América Latina, salvo raras exceções.

O PCN referente ao conhecimento de filosofia lembra que os “motivos de autoritarismo para retirar a Filosofia dos currículos escolares” (PCN, 1999, p. 327) foram decisivos para sua exoneração. Ora, se uma disciplina não fosse, pelo menos

hipoteticamente, perigosa, ela não teria sido abolida no período recente da história do Brasil, a saber, a ditadura. Mas um ensino de filosofia estéril como o de hoje, pouco teria a dizer e refletir criticamente sobre as atrocidades cometidas, ou pouco auxiliaria na efetivação de sua natureza reflexiva caracterizada pela reconstrução e pela crítica (PCN, 1999, p. 330-331). A filosofia seria, idealmente, por exemplo, um empecilho para uma ditadura, mas tal como ela tem se constituído, seria mais uma disciplina ministrada de maneira técnica. Ela seria, enfim, inofensiva.

2 MÉTODO DAS ESTRUTURAS DE MARTIAL GUEROULT

O discurso do professor Lívio Teixeira por ocasião do *III Congresso Brasileiro de Filosofia*, promovido pela Universidade de São Paulo em 1959, traz algumas declarações que são pertinentes. A primeira é que a USP foi a primeira instituição a introduzir o ensino de filosofia nos cursos universitários (TEIXEIRA, 2003, p. 141). Desta afirmação, depreende-se que os ensinamentos de filosofia no Brasil, desde o período colonial até a fundação do departamento de filosofia da USP, eram apenas uma caricatura de um ensino de filosofia, marcado pelo amadorismo, pelo nacionalismo e pelo desconhecimento da história da filosofia. A segunda informação que Lívio Teixeira (2003, p. 142) aponta é que em 1959, a função do departamento de filosofia será a preparação de um ensino calcado cada vez mais em bases mais sólidas, a partir da experiência francesa. Assim, era preciso estabelecer “novas perspectivas e novos rumos” (TEIXEIRA, 2003, p. 142). É importante notar que Lívio Teixeira foi assistente de Martial Gueroult que lecionara pela primeira vez no Brasil em 1949. A metodologia por ele trazida foi acatada passivamente (MARQUES, 1999, p. 648-649), constituindo, assim, um estudo direto dos textos filosóficos (abolição dos manuais), porém dócil à doutrina estrangeira. A ampliação da aceitação da metodologia estruturalista de Gueroult se realizou através dos escritos de Victor Goldschmidt, principalmente após a tradução de *La religion de Platon*, por O. Porchat Pereira. Note-se, ainda, que já em 1962 Lívio Teixeira publica um artigo intitulado *Filosofia e história da filosofia*, na Revista da Faculdade de Letras de Lisboa. Este artigo pretende mostrar que, diferentemente do que se fazia no Brasil, a filosofia não pode prescindir de sua história em função do nacionalismo ou de uma concepção perene de filosofia oriunda da formação jesuíta ainda remanescente (TEIXEIRA, 2003, p. 177).

Nesta perspectiva, é necessário apresentar uma alternativa eficaz contra as experiências acadêmicas ou extra-acadêmicas de cunho nacionalista que minimizavam a importância da história da filosofia em detrimento de problemas nacionais. Tais nacionalistas para L. Teixeira (2003, p. 197) “julgam contrário ao bom sendo interessar-se por Platão, Descartes ou Kant neste país jovem oprimido por problemas urgentes, dentre os quais a educação primária não é a menor”. A metodologia de Gueroult se constitui, então, como uma alternativa ao nacionalismo e ao amadorismo. Como expressão desse nacionalismo e amadorismo Lívio Teixeira cita Farias Brito e o *Apostolado Positivista* fundado no Rio de Janeiro em 1880 (TEIXEIRA, 2003, p. 196). Voltando-se contra um pensamento de cunho nacionalista, Teixeira já indicava que tal atitude não seria propriamente filosofia, mas somente uma visão de mundo, uma vez que mesmo com as influências indígenas e africanas, nosso pensamento é europeu (TEIXEIRA, 2003, p. 194).

Como instrumento desse rompimento com o ensino de filosofia no Brasil especialmente do séc. XIX, Teixeira aponta os estudos de Gueroult como expressões primordiais, ao abordar a relação necessária entre filosofia e sua história. Nesse sentido as relações entre filosofia e sua história possuem dois aspectos: a) não pode haver filosofia sem história da filosofia; b) a história da filosofia pode parecer uma negação da própria filosofia. Em ambos os casos, estatui-se o estudo de história da filosofia como parâmetro fundamental para a formação e junto a isso o método das estruturas, que visa reconstruir a arquitetura lógica de cada sistema filosófico. Teixeira, discípulo de Gueroult, irá defender a idéia estruturalista segundo a qual a história da filosofia é condição de possibilidade da própria filosofia (TEIXEIRA, 2003, p. 200).

Em que consiste o método de Gueroult?

Na conferência pronunciada na Faculdade de Filosofia da Universidade de Ottawa, em 19 de outubro de 1970, intitulada *Méthode en histoire de da philosophie*, Gueroult inicia sua comunicação com a afirmação de que a aceitação de um método está condicionada aos seus frutos. Ora, isso serve para que se pense imediatamente na aplicação metodológica que se julga eficaz na análise de textos filosóficos. Esse é o caso, por exemplo, de seus livros sobre Descartes, Fichte, Spinoza e Malebranche (GUEROULT, 1970, p. 8).

Atrelada à idéia de método, encontra-se a problemática da busca por uma definição do que seja a filosofia, ou seja, a investigação de “uma concepção da natureza ou da essência da filosofia” (GUEROULT, 1970, p. 7). Posterior a esta definição, tem-se a necessidade da aplicação de um método. Cabe lembrar, aqui, a influência do racionalismo do séc. XVII que tem em Descartes seu maior expoente.

Uma idéia que se encontra subjacente é a compreensão do termo história, pois se trata de indicar um método que colabore de modo eficaz para o trabalho do historiador da filosofia. Este historiador das idéias tem por objeto, não propriamente fatos, mas a arquitetônica dos sistemas. Ao se pensar que há uma sucessão de fenômenos articulados por um princípio de causalidade, o historiador da filosofia e o historiador das idéias encontram certas dificuldades que se consistem na determinação da causa dos eventos (idéias).

O projeto de Gueroult, então, é evitar que uma absorção da história da filosofia seja efetivada pela psicologia ou pela sociologia. Certamente, seu projeto nega a temporalidade, ou melhor, instaura uma outra concepção de temporalidade. A subtração do tempo histórico instaura o que se denomina tempo lógico⁴. Isso significa que, distanciando-se de análises, por um lado, psicologizantes e, por outro, sociológicas, busca-se a coerência interna da singularidade de uma obra ou de um autor. Isso se denominada **dianoemática** que consiste na percepção da coerência interna dos sistemas, ou ainda, a descoberta da ordem das razões. O que está em questão é a condição de possibilidade da experiência filosófica. Dito de outro modo, busca-se estabelecer um método que possa ser aplicado aos objetos da história da filosofia. Segundo Gueroult, trata-se de “uma maneira de olhar a matéria desta história, isto é, dizer os sistemas como objetos tendo em si mesmos um valor, uma realidade que se refere somente a eles e se aplica somente a eles” (GUEROULT, 1979, p. 243). Assim, os sistemas filosóficos estão de alguma forma submetidos à prova do tempo histórico, à medida que são investigados ao longo das épocas sobre sua coerência interna. Para François Dosse, o otimismo de Gueroult, já em 1951, é o prelúdio do triunfo do estruturalismo nos anos 60 (DOSSE, 1991, 50). A demarcação realizada é negadora de uma concepção de temporalidade, substituindo a **diacronia** pela **sincronia**. A prática pedagógica sofrerá grande influência desta concepção, pois se pode perceber nas monografias a busca da

⁴ Expressão também utilizada por Goldschmidt e outros adeptos do estruturalismo em filosofia.

reconstrução da ordem das razões e da coerência interna. Enfim, os sistemas filosóficos são, para ele, essências atemporais cuja grandeza está condicionada à solidez de sua estrutura. Não há mais, então, sistema verdadeiro ou falso, mas mais coerente e menos coerente.

É necessário substituir a noção de sistema falso pela de inconsistente, que não tem uma realidade nem uma tensão interna suficientes para viver, para resistir à força brotada da história e, longe de ser dissipado por ela, poder se incorporar, ao contrário, a ela de maneira definitiva (GUEROULT, 1979, p. 154).

Se por um lado o trabalho do historiador da filosofia não depende da biografia do autor, a paralelamente, não é possível demonstrar o nexo causal entre a emergência de uma obra e seu contexto, como se ela fosse somente fruto de sua época, não se pode negar que é no tempo histórico que se preservam e selecionam as mais coerentes⁵.

Nesta perspectiva, a história da filosofia é compreendida em dois sentidos, a saber, história horizontal e história vertical. A história horizontal significa a sucessão de doutrinas, o movimento das idéias através do tempo. Nesta, é encontrada, pelo menos, uma vantagem e uma desvantagem. A vantagem se refere quando o objetivo é eminentemente histórico, já a desvantagem se estabelece se o interesse for filosófico, pois a análise não se fixa sobre os objetos do historiador da filosofia, as doutrinas. As conseqüências são os resumos e as análises superficiais das doutrinas. A estrutura não é considerada como algo fundamental. Já a história vertical é a investigação sobre as doutrinas nelas mesmas, tornando claro a arquitetura ou a ordem interna. Assim, cada sistema é uma realidade em si mesmo.

Aqui, abre-se ao historiador da filosofia um novo ponto de vista. As doutrinas são vistas nela mesmas. Todos os esforços tendem à fixação e ao aprofundamento de seu sentido nos fins da meditação filosófica. O historiador se fixa em *monografias*. É o lugar do que eu chamarei de história

⁵ Isso é, conforme mostrou Thomas Kuhn em *A estrutura das revoluções científicas*, parcialmente verdadeiro, pois a aceitação de uma obra, de uma teoria ou sistema não se deve necessariamente à sua coerência interna, mas à noção de paradigma e de ciência normal aí subjacente.

vertical da filosofia, história menos propriamente histórica que a outra, menos preocupada com o movimento coletivo das idéias, mas filosófica no sentido que ela persegue a significação profunda de tais ou tais obras postas uma a uma (GUEROULT, 1970, p. 10. Grifos do autor).

Ora, a procura de tal significação filosófica é proposta por mais de uma escola. A conferência de Ottawa mostra duas, a saber, o *méthode des sources* e *méthode des structures*.

3 A LEGITIMIDADE DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

O questionamento acerca da legitimidade da história da filosofia é, segundo Gueroult (2000, p. 159), rerepresentado sobre os mesmos argumentos. Primeiramente, a constatação de um fato: sua existência. Legítima ou não, a existência da história da filosofia é incontestável. Assim, existem dois âmbitos, a saber, o *quid fact* e o *quid juris*. A investigação que se segue é sobre a legitimidade e possibilidade de tal, ao passo que sua existência não parece problemática.

O problema kantiano das condições de possibilidade da metafísica é o mesmo que conduz a questão sobre a legitimidade da mesma. Gueroult se interroga, então, sobre a distinção entre ciência e filosofia. Uma primeira singularidade da filosofia em relação à ciência é ser perene: “Supõe-se, assim, que estas filosofias conservem, seja qual for sua época, certa validade para a reflexão filosófica” (GUEROULT, 2000, p. 160).

Não se trata de satisfazer a uma vã curiosidade erudita, nem a uma preocupação psicológica, sociológica, mas sim, de assegurar o melhor contato efetivo entre o pensamento de outrora, com o propósito de robustecer e estimular a reflexão filosófica atual (GUEROULT, 2000, p. 161).

Ao debruçar sobre outras possibilidades de diferenciação entre filosofia e ciência, Gueroult, identifica dois aspectos: “A ciência só é de ontem pelos erros, hoje

denunciados como tais, que fazem dela uma não-ciência” (p. 161). Pode-se, a partir deste enunciado afirmar que a ciência e a história da ciência não têm os mesmo objetos de investigação (GUEROULT, 2000, 161). Outra diferenciação consiste na entronização na filosofia. Enquanto que a história da ciência não é uma condição necessária para a realização de uma atividade científica, na filosofia, o conhecimento de sua história é uma condição necessária: “Além disso, diversamente do que ocorre nas ciências, a história da filosofia é, de fato, o principal instrumento de iniciação à filosofia e, para a filosofia, permanente inspiração” (GUEROULT, 2000, p. 162). O fato da história da filosofia ser uma condição necessária para que qualquer pessoa possa se inserir nela, não segue que seja uma condição suficiente. Aqui reside o entrave entre história da filosofia e filosofar. Em concordância com Gueroult, pode-se dizer que a história da filosofia é uma condição necessária para qualquer pessoa que queira se adentrar na filosofia, mas indo além deste pensador, sabe-se que a história da filosofia é uma condição para qualquer pessoa que se pretenda filósofo, sem os preconceitos e receios que este termo possa trazer.

Na atividade científica, uma teoria é considerada do passado por ser ultrapassada por um presente, já na filosofia, uma corrente ou pensador do presente não é mais verdadeiro que um do passado, necessariamente. Não existe filosofia mais verdadeira que outra. Existe filosofia mais coerente que outra, quando se analisa a ordem das razões internamente no sistema. Nenhuma filosofia, então, é verdadeira. É sim, coerente, somente. Os sistemas filosóficos não são uns mais verdadeiros que outros, eles são considerados mais ou menos coerentes segundo a ordem interna das razões ou a arquitetônica (GUEROULT, 2007, p. 244). Nessa perspectiva, não se pode dizer que uma filosofia pode provar sua verdade ou refutar definitivamente qualquer outra (GUEROULT, 2000, 162).

É necessário, a partir do problema da possibilidade da história da filosofia, pensar a possibilidade dos objetos dessa disciplina, ou seja, a possibilidade das filosofias como “objetos permanentes de uma história possível” (GUEROULT, 2000, p. 162).

A história da filosofia é presença de um passado vivo. Como é fato que existem várias filosofias, pode-se afirmar que, segundo perspectiva de Gueroult, elas são semelhantemente válidas e tão heterogêneas a ponto de excluïrem entre si qualquer

hierarquia ou síntese (GUEROULT, 2000, p. 168) como pretendia o ecletismo dos séc. XVIII e XIX. Não se pode negar que o método das estruturas de Gueroult, mais do que problemas de cunho nacionalista no Brasil, pretende ser uma alternativa viável ao ecletismo, à hermenêutica e às análises de cunho tanto sociológico, como histórico, ou mesmo, psicologizante. Enfim, cada sistema filosófico instaura, segundo Gueroult (2000, p. 170), uma realidade completa e original em quase sua totalidade que não pode ser analisada segundo o tempo histórico, mas somente segundo a lógica interna, dito de outra maneira, como cada filosofia se apresenta como um sistema fechado, só pode ser analisada segundo sua arquitetônica.

Se foi dito que falar de verdade na história da filosofia não corresponde à proposta de Gueroult e que ele fala de sistema coerente, pode-se indagar se não há uma noção de verdade no método estruturalista. A resposta pode ser sintetizada da seguinte maneira: se a análise capta os vários sistemas ao longo da história e estes são por vezes contraditórios e impossíveis de serem sintetizados em uma filosofia como pretendeu o ecletismo, então não há verdade, mas sistemas mais coerentes e menos coerentes. Entretanto, se a análise se volta ao sistema fechado em sua arquitetônica, Gueroult (2000, p. 170) utilizada a expressão *veritas in re*. Sua verdade se limita à estruturação interna. Isso faz com que a filosofia não seja, nem ciência, nem arte. Nem ciência, pois para esta o passado é o lugar da não-verdade e nem arte, pois mesmo que esta se assemelhe à filosofia pela *veritas in re*, a filosofia pretende ser uma teoria do real. A filosofia tem sua história (sistemas filosóficos) sempre viva e atual e seu valor não vem de fora, mas em sua estrutura interna (GUEROULT, 2000, p. 170). Por outro lado, visa, outrossim, a um discurso que explique o real. Este não deixa de ser um entrave, um sistema que se organiza e que é fechado em si e que pretenda ser uma explicação real. Isso leva à afirmação de que a dianoemática, compreendida como a ciência que trata das condições de possibilidade das obras filosóficas, à medida que estas possuem um valor filosófico indestrutível (*dianoema*, doutrina), constituir-se-á como uma problemática do real (GUEROULT, 2000, p. 171). É este conceito, a saber, a dianoemática que faz com que a filosofia se aproxime da ciência e da arte e não se confunda, nem com a ciência, nem com a arte.

4 O TEXTO FILOSÓFICO E A ABORDAGEM ESTRUTURAL

A arte de ler e interpretar textos é conhecida como hermenêutica, sejam eles sagrados ou profanos. Saliente-se que esta não se constitui em uma atividade espontânea ou mesmo inocente. Deve-se, como hermeneuta, desconfiar do texto, pois o sentido do texto não está sempre latente, já que pode haver a precipitação do leitor.

Ao tentar captar o sentido de um texto filosófico, ou se pretende remontar à intenção do autor, ao contexto de produção e difusão da obra, ou à estrutura da obra. Assim, há um viés psicológico e historicista e um viés positivista ou formalista onde se privilegia o texto em sua positividade e na forma que se encontra e que se organiza (DOMINGUES, 1995, p. 139). Distinguem-se, pelo menos, três linhas de interpretação. A primeira é a hermenêutica romântica que remonta a Schleiermacher e Dilthey. A segunda se refere à abordagem marxista e à hermenêutica pós-romântica de Gadamer. A terceira analisa o texto em sua positividade seja pelo método histórico-filológico ou na análise das estruturas. É nesta última vertente que se insere Martial Gueroult.

A partir destas linhas de interpretação, Ivan Domingues (1995) identifica o que ela chama de tentações:

- A) A tentação psicologista: pretende desvelar sentido do texto a partir da intenção do autor. Representante: Benedetto Croce.
- B) A tentação historicista: pretende derivar o sentido do texto a partir do contexto sócio-cultural onde foi produzido. Representante: Lucien Goldmann.
- C) Tentação relativista: O sentido do texto se encontra atrelado à recepção do mesmo pelo público. Representante: Gadamer (propõe como operador hermenêutico a categoria de “história efetual” e “história atuante”).
- D) A tentação subjetivista: o sentido do texto se encontra no olhar do intérprete, que o restitui e o reatualiza. Esta postura desconsidera a intenção do autor, contexto de produção, difusão da obra e o texto enquanto tal. É a tentação do “achismo”.
- E) A tentação positivista: o sentido do texto se encontra no texto em sua positividade, independente da intenção do autor, do contexto de produção ou de recepção, ou mesmo do olhar do intérprete. Representante: Gueroult e Goldschmidt.

Este último que tem sido objeto da investigação aqui, corre o risco de enclausurar-se dentro de si mesmo, e por conseguinte romper toda a comunicação da obra com o autor, com o contexto e o público de seus leitores.

Cabe lembrar que não existe em filosofia uma “escola estruturalista” como há na antropologia ou na psicanálise. Todavia, pode-se afirmar que se encontram autores mais ou menos dispersos que se aproximam do método estrutural, pois já antes da eclosão da moda estruturalista na França na década de 60 do séc. XX, percebem os trabalhos de Sorriau, Gueroult e Goldschmidt. A obra de Sorriau, por exemplo, data da década de 30 do século passado. A obra magna de Gueroult sobre Descartes onde ele já aplicou o método estruturalista é do início da década de 50. Goldschmidt chega a citar nomes menos conhecidos que já nas décadas de 20 e 30 do séc. XX, na Alemanha e na Inglaterra já empregavam a idéia de estrutura ao texto filosófico. São eles K. Gross, Leisang e Collingwood (GOLDSCHIMIDT, 1982, p. 121).

Semelhantemente a Gueroult, Goldschmidt entende o termo estrutura como um “sistema de relações”. Pode-se analogamente usar a terminologia de Gueroult, a saber, “arquitetônica”.

5 CONCLUSÃO OU UMA CRÍTICA AO MÉTODO ESTRUTURAL

Uma interrogação permanece e sua emersão já é um sinal positivo: a universidade quer formar filósofos ou historiadores da filosofia? Sabe-se que Gueroult e Goldschmidt trouxeram ao Brasil e, mais especificamente, à USP, o método estruturalista francês. Entretanto, Gonçalo Palácios (2004, p. 122) chama à atenção para uma outra questão que deve ser, necessariamente, posta. Se, por um lado, o estruturalismo, como método de ensino foi eficaz na formação de historiadores de filosofia, por outro lado, existiria um método sobre o qual se podem formar filósofos? E, ainda, existiria uma metodologia capaz de tal empreita? O estruturalismo parece eficaz no que tange à formação de historiadores de filosofia, entretanto, nota Palácios (2004, p. 122), o quê fazer com aqueles estudantes que possuem outras perspectivas ou impulsos, como uma aprendizagem crítica? A universidade e, especificamente, os professores de graduação em filosofia, colaboram para concretização destes impulsos ou para a anulação dos mesmos?

Não há, como à primeira vista se poderia pensar, uma contradição necessária entre o historiador de filosofia e o filósofo, como se o estudante e futuro professor com pretensões outras que a história da filosofia, negasse a história do pensamento ocidental, pois discutir filosoficamente problemas e avaliar as teses já apresentadas pela tradição e propor outras, se for o caso, é fazer filosofia. Por isso, a história da filosofia não se refere a um passado estagnado, é antes um passado presente, um passado atual no qual é sempre possível recorrer para auxílio de questões contemporâneas, uma vez que “a história da filosofia é presença do passado, mas não como passado morto: como passado vivo” (GUEROULT, 2000, p. 168). Não é sem razão que Agostinho, no Livro XI das *Confissões*, ao tratar do problema do tempo, afirma que o tempo é sempre o presente: presente das coisas passadas, presente das coisas presentes e presente das coisas futuras. Então, o tempo é compreendido como uma distensão da alma.

Como mudar uma realidade não muito propícia ao ensino desta disciplina no ensino médio? A estrutura das grades curriculares dos cursos de filosofia é, demasiadamente, historiográfica. Palácios (2004, p. 127) propõe uma outra estrutura que parece aglutinar pensadores de diferentes épocas. Isto poderia ser um estudo temático tendo como referência filósofos de escolas distintas. Assim, seria possível um curso de filosofia da linguagem no qual se pudessem estudar, por exemplo, o *Crátilo* de Platão, o *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau, e as *Investigações filosóficas* de Wittgenstein. Deste modo, a base da elaboração e desenvolvimento do curso seriam os textos filosóficos. Isso permitiria tanto uma ênfase no pensamento contemporâneo como nos clássicos da filosofia ocidental. Ainda, seria menos dogmático do que estudar somente um pensador ou uma obra, pois o aluno teria mais condições de, em uma mesma temática, avaliar teses diferentes e formular com maior consistência as suas, o que não o ocorreria se o curso fosse, exclusivamente, por exemplo, sobre a compreensão de linguagem em Wittgenstein. Como um professor licenciado em filosofia que estudou em sua graduação, por exemplo, na disciplina filosofia da linguagem, somente Wittgenstein ou a tradição analítica, vai discutir com seus alunos a linguagem como problema filosófico? A limitação é grande. E o quase inevitável é a reprodução de sua formação universitária no ensino médio. O efeito seria, por um lado, a animosidade em relação à disciplina por parte dos discentes, por ser demasiadamente historiográfica, e por outro lado, a impossibilidade da disciplina colaborar com as pulsões críticas que

caracterizam a juventude. Ora, se isso acontecer, o retorno da filosofia ao ensino médio será assaz desastroso e, neste âmbito, a filosofia já nasce morta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, P. E. *Um departamento francês de ultramar*. Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (Uma experiência nos anos 60). São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1999.

DOSSE, F. *Histoire du structuralisme*. Paris: La découverte, 1991.

DOMINGUES, I. (Org.); MARI, Hugo (Org.); PINTO, Júlio Machado (Org.). *Estruturalismo: memória e repercussões*, Rio de Janeiro, Diadorim. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

GOLDSCHMIDT, V. *Histoire et structure: ouvrage collectif à la mémoire de V. Goldschmidt*. Paris: Vrin, 1985.

_____. *A Religião de Platão*. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. *Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie*. *Manuscrito*, v. 2. Campinas: Ed. Unicamp, 1982.

_____. *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos*. In: *A Religião de Platão*. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

GUEROULT, M. O problema da legitimidade da história da filosofia. *Reflexão*, n. 78. Campinas, Puc-Campinas, 2000.

_____. *Lógica, arquitetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos*. *Trans/Form/Ação*, vol.30, no.1. Marília: Unesp, 2007.

_____. *La méthode en histoire de la philosophie*. Conferência pronunciada na Faculdade de Filosofia da Universidade de Ottawa em 19 de outubro de 1970. Ottawa, 1970.

_____. *Histoire de la histoire de la philosophie*. Paris: Aubier Montaigne, 1992.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Currículo e formação: o ensino de filosofia*. *Síntese*, vol. 20, n° 63. Belo Horizonte: CES, 1993.

- ____. Por que filosofia no segundo grau. *Estudos avançados*. São Paulo: Usp, n. 14, 1992.
- MARQUES, U. Victor Cousin e Théodore Jouffroy: psicologia e história da filosofia. *Philosophica*, n. 28. Lisboa: UL, 2006.
- ____. Notte sulla storiografia filosofica in Brasile. *Rivista di storia della filosofia*, n. 4, Milão, 1999.
- ____. Notas sobre a história e a historiografia da filosofia entre nós. *Revista Ideação*, v. 8, Feira de Santana, UEFS, v. 8, p. 35-66, 2001.
- PALÁCIOS, G. *Alheio olhar*. Goiânia: UFG, 2004.
- ____. *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio*. Goiânia: UFG, 1997.
- PORCHAT PEREIRA, O. et al. *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- TEIXEIRA, L. Quelques considérations sur la philosophie et l'étude de l'histoire de la philosophie au Brésil. In: *Études sur l'histoire de la philosophie en hommage a Martial Guérault*. Paris: Fischbacher, 1964.
- ____. *Discurso do professor Lívio Teixeira, paraninfo da turma de 1948*, In: "Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo). – 1939-1949", volume I, Seção de Publicações, 1953, p. 292.
- ____. Filosofia e história da filosofia. *Cadernos Espinosanos*, N. X, São Paulo: Usp, 2003.
- ____. Algumas considerações sobre a filosofia e o estudo da história da filosofia no Brasil. *Cadernos Espinosanos*, N. X, São Paulo: Usp, 2003.